Universidade de Brasília – UNB
Faculdade UnB Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC – Habilitação Linguagens, Artes e Literatura

AS TRANÇAS AFRO NA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA LEdoC-UnB

AMANDA ARAÚJO DA MATA

Planaltina-DF
2026

AMANDA ARAÚJO DA MATA

AS TRANÇAS AFRO NA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA LEdoC-UnB

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Educação do Campo, habilitação na área de Linguagens, Artes e Literatura.
Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Planaltina-DF

2026

AMANDA ARAÚJO DA MATA

AS TRANÇAS AFRO NA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA LEdoC-UnB

Planaltina-DF, 17 de julho de 2026

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Orientador – Faculdade UnB Planaltina

_____

Profª. Joelma Rodrigues da Silva

Examinadora Interna - Faculdade UnB Planaltina

_____

Profª. Msc. Luara Dal Chiavon

Examinadora Interna - Faculdade UnB Planaltina

AGRADECIMENTOS

Finalmente chegou o momento mais esperado por mim: escrever os agradecimentos deste Trabalho de Conclusão de Curso. Este é um momento de muita emoção, pois representa o encerramento de uma etapa muito importante da minha vida e a realização de um sonho que foi construído com muito esforço, dedicação e apoio de pessoas especiais.

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir viver tudo isso. Agradeço por ter me dado força, sabedoria e coragem para enfrentar cada desafio ao longo dessa caminhada. Sou grata por realizar não apenas o meu sonho, mas também o sonho da minha família, que sempre acreditou na minha capacidade. A aprovação na Universidade de Brasília foi apenas o início de uma trajetória que marcou profundamente a minha vida entre os anos de 2022 e 2026.

Agradeço aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada oração, por cada abraço e por nunca terem deixado que eu desistisse, mesmo quando eu mesma duvidei de que conseguiria chegar até aqui. Vocês são minha maior inspiração e a razão de muitas das minhas conquistas.

Ao meu irmão, dedico um agradecimento muito especial. Sei o quanto foi difícil para nós a minha mudança para estudar na universidade e o quanto você sentiu a minha ausência durante esse período. Mesmo de longe, o seu carinho, a sua torcida e o nosso amor de irmãos sempre me deram forças para continuar. Esta conquista também é sua, porque em muitos momentos você precisou abrir mão da minha presença para que eu pudesse correr atrás dos meus sonhos. Espero que você saiba o quanto é importante para mim e o quanto sinto orgulho de ser sua irmã. Amo você.

Agradeço também à minha família, que sempre torceu por mim e esteve presente durante toda essa caminhada. Em especial, agradeço ao meu tio Ederson, aos meus avós Antônio, Vaneuza e Vera, e às minhas tias Grazy, Lelê e Rafa. O apoio, o carinho e a confiança de vocês foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente.

Às amizades que construí dentro da universidade, deixo meu carinho e minha gratidão. Vocês tornaram essa caminhada mais leve, mais divertida e muito mais especial. Cada conversa, cada trabalho em grupo, cada momento de dificuldade e cada conquista compartilhada fizeram toda a diferença. Um agradecimento especial ao meu quarteto, que acabou se tornando um quinteto. Vocês foram essenciais durante toda essa trajetória e levarei nossa amizade para a vida.

Agradeço aos professores da Licenciatura em Educação do Campo, que contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal. Cada ensinamento, cada orientação e cada incentivo fizeram parte da profissional que estou me tornando. Em especial, agradeço ao meu orientador, Professor Felipe Canova, pela paciência, dedicação, disponibilidade e por todos os conhecimentos compartilhados ao longo da construção deste trabalho.

Também agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida durante esses anos e que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho e cada apoio recebido foram importantes para que eu chegasse até aqui.

Por fim, agradeço a mim mesma. Agradeço por não ter desistido, mesmo diante das dificuldades, do cansaço e dos momentos de insegurança. Foram anos de muito esforço, dedicação, renúncias e aprendizados. Hoje, olho para trás com orgulho da trajetória que construí. Com lágrimas nos olhos e o coração cheio de gratidão, encerro este ciclo. A tão sonhada formatura finalmente chegou e, com ela, o diploma que representa muito mais do que uma conquista acadêmica: representa superação, crescimento e a realização de um sonho.

A Licenciatura em Educação do Campo transformou a minha forma de enxergar o mundo, as pessoas e a mim mesma. Levo comigo todos os aprendizados, as amizades, as memórias e a certeza de que escolhi o caminho certo.

Obrigada, Deus. Obrigada aos meus pais, ao meu irmão, à minha família, aos meus amigos, aos professores e a todos que fizeram parte dessa caminhada. Essa conquista também é de vocês!

A menina que entrou na UnB em 2022 hoje sai licenciada, levando consigo muito mais do que um diploma: leva aprendizados, amizades, memórias e a certeza de que valeu a pena acreditar nos próprios sonhos.

Resumo: Este trabalho investiga a importância das tranças afro na construção da identidade de mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa analisa como as tranças afro, para além de um elemento estético, constituem uma expressão de ancestralidade, identidade, pertencimento e resistência, contribuindo para a valorização da cultura afro-brasileira no contexto universitário. O estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com estudantes da LEdoC, buscando compreender os significados atribuídos às tranças afro em suas trajetórias de vida e formação acadêmica. Os resultados evidenciam que as tranças afro fortalecem a identidade étnico-racial, favorecem o reconhecimento das raízes culturais e contribuem para a valorização das experiências das mulheres negras no ambiente universitário.

Palavras-chave: tranças afro, identidade, educação do campo, cultura afro-brasileira, estética negra.

Abstract: This study investigates the importance of Afro-style braids in the identity formation of Black women students in the Rural Education (LEdoC) program at the University of Brasília (UnB). The research analyzes how Afro-style braids—beyond serving as an aesthetic element—constitute an expression of ancestry, identity, belonging, and resistance, thereby contributing to the valuing of Afro-Brazilian culture within the university context. The study employed a qualitative approach, using semi-structured interviews with LEdoC students to understand the meanings attributed to Afro-style braids within their life trajectories and academic journeys. The results demonstrate that Afro-style braids strengthen ethnic-racial identity, foster the recognition of cultural roots, and contribute to valuing the experiences of Black women in the university environment.

Keywords: Afro-style braids, identity, rural education, Afro-Brazilian culture, Black aesthetics.

SUMÁRIO

1 Introdução……..... 09
2 Memorial Acadêmico……..... 11
3 Revisão de Literatura……... 15
4 Contexto de Pesquisa…….. 18
5 Análise de Dados…….. 29
6 Considerações Finais……..…….. 32
Referências…… 35
Apêndice……. 37

1 Introdução

Esta pesquisa busca refletir sobre a importância das tranças afro na construção, valorização e afirmação da identidade das mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB). Ao longo da história, mulheres negras enfrentaram diferentes formas de preconceito, discriminação e invisibilização, especialmente em relação aos seus corpos, cabelos e traços culturais. Durante muitos anos, padrões de beleza eurocêntricos contribuíram para a desvalorização das características negras, levando muitas mulheres a esconderem ou negarem aspectos importantes de sua identidade.

Nesse contexto, as tranças afro representam muito mais do que um elemento estético. Elas expressam ancestralidade, cultura, pertencimento, resistência e identidade, constituindo uma importante manifestação da cultura afro-brasileira[1]. Para muitas mulheres negras, usar tranças afro significa reconhecer suas origens, fortalecer a autoestima e reafirmar sua identidade nos diferentes espaços sociais, inclusive no ambiente universitário. Além disso, as tranças afro carregam conhecimentos, histórias e tradições transmitidos entre gerações, fortalecendo os vínculos com a ancestralidade e com a memória coletiva do povo negro.

A escolha deste tema justifica-se pela relevância das tranças afro como expressão cultural e identitária e pela necessidade de ampliar as discussões sobre identidade, representatividade e valorização da cultura afro-brasileira no contexto da Educação do Campo. Ao investigar as experiências de mulheres negras estudantes da LEdoC/UnB, esta pesquisa tem como objetivo compreender os significados atribuídos às tranças afro e de que maneira elas contribuem para os processos de construção da identidade, fortalecimento do

[1] A pesquisadora Jurema Oliveira destaca que estes aspectos estão interligados, pois “entender a força ancestral e reconhecê-la na vida comunitária significa resistir” (2023, p. 111). Especificamente sobre a ancestralidade, a autora argumenta que ela “a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro – mormente na religião. Legitimada pela “força” da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua “dinâmica” para qualquer grupo racial que queira assumir a identidade de “africano”” (Ibidem).

pertencimento e valorização das trajetórias dessas mulheres no ambiente universitário.

Além de contribuir para os estudos sobre identidade e cultura negra, esta pesquisa também pretende fortalecer o debate acerca da presença das mulheres negras na universidade, reconhecendo suas experiências, saberes e formas de resistência. Ao valorizar suas narrativas, o estudo evidencia a importância das tranças afro como um elemento que ultrapassa a dimensão estética, assumindo um papel significativo na afirmação da identidade e na preservação da ancestralidade. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, por buscar compreender os significados, as experiências e as percepções das participantes acerca do uso das tranças afro na construção de suas identidades. Participaram do estudo mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB) que utilizam tranças afro e aceitaram compartilhar suas experiências por meio de entrevistas semiestruturadas. A escolha das participantes ocorreu de forma intencional, considerando sua relação com o tema investigado e sua disponibilidade para contribuir com a pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, organizadas a partir de questões relacionadas aos significados das tranças afro, às experiências vivenciadas no ambiente universitário, à construção da identidade, ao pertencimento, à ancestralidade e à valorização da cultura negra. As narrativas produzidas pelas participantes constituíram a principal fonte de análise deste trabalho, permitindo compreender diferentes experiências e sentidos atribuídos às tranças afro pelas mulheres entrevistadas.

Como apoio à elaboração deste trabalho, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial para auxiliar na revisão textual, especialmente nos aspectos de coerência, coesão e organização da escrita.

2 Memorial acadêmico

Meu nome é Amanda Araújo da Mata, nasci em 12 de maio de 2004 em Planaltina, DF. Passei 18 anos da minha vida no assentamento PA Gameleiras Caiçara, localizado no município de Flores de Goiás. Minha trajetória escolar começou na Escola Municipal Sebastião Teodoro Sobrinho, dentro do assentamento, onde estudei do Pré até a 5ª série. Quando completei 10 anos, migrei de escola, pois não havia ensino para as séries finais. A partir da 6ª série, passei a estudar na Escola Municipal Santo Antônio, localizada no Goiaminas, distrito de Formoso-MG, onde cursei da 6ª à 9ª série. Para concluir meus estudos, mudei novamente de escola, e minha última instituição foi a Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, no Goiaminas, distrito de Formoso-MG, onde cursei o 1º ano do ensino médio presencialmente. Já nos dois últimos anos, estudei de forma remota devido à pandemia de COVID-19, que transformou os 15 dias de isolamento em dois anos.

Acesso à escola foi um grande desafio para mim. Apesar de termos transporte escolar, as estradas precárias do assentamento dificultavam muito o deslocamento, especialmente para as duas últimas escolas, que não estavam dentro do assentamento. Costumava sair de casa às 10h e só chegava em casa às 18h40, o que me causava grande exaustão, muitas vezes resultando em desinteresse pelos estudos. Durante a época das chuvas, o transporte escolar parava de funcionar, e perdíamos aulas. Quando o ônibus não atolava, ainda havia o risco de precisarmos caminhar de volta para casa ou ligar para alguém, caso conseguíssemos sinal de celular. Havia pais que colocavam carretinhas nos carros para ajudar os estudantes a chegar mais rápido em determinados locais. Não tínhamos monitor para nos acompanhar, então, mesmo sendo crianças e adolescentes, precisávamos nos deslocar sozinhos. Já aconteceu de algumas crianças quebrarem o braço ao ir sozinhas para casa.

Me formei em 23 de dezembro de 2021 e, no final daquele ano, me inscrevi no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB). A escolha pela educação do campo foi motivada pela falta de perspectiva na minha comunidade e pelo desejo de provar a mim

mesma, e também aos meus familiares, que eu era capaz de ingressar em uma universidade federal. Ingressei por meio do Enem realizado em 2020.

No dia 17 de janeiro de 2022, comecei as aulas na UnB de forma remota, pois ainda estávamos vivendo a pandemia. Embora fosse meu primeiro semestre e as aulas à distância tenham sido desafiadoras, especialmente por minha dificuldade em me concentrar, o apoio dos professores foi fundamental. Sabendo das dificuldades de conexão de internet durante a época de chuvas, eles foram compreensivos. Para facilitar o processo, me reuni com uma amiga da mesma habilitação para tirar dúvidas e fazer trabalhos juntas.

O primeiro semestre foi todo remoto, mas no segundo, as aulas foram presenciais, ainda em formato reduzido, devido à pandemia. O aprendizado presencial foi incomparável. Uma das experiências que mais me marcou foi a disciplina de Artes, onde descobri minha paixão pelo audiovisual e me senti completamente conectada com a área. Eu fiz parte da turma 18 Bernard Hess, nome dado em homenagem ao nosso querido professor de Literatura, que faleceu no início de 2023. Nossa turma decidiu homenageá-lo.

Participei de diversos projetos de extensão, como o “Educação Infantil Ciranda”, coordenado pela professora Eliete Ávila, de abril a dezembro de 2023. No projeto, fui responsável pela organização da escala da ciranda e também ajudava presencialmente no cuidado das crianças para que as mães pudessem estudar com mais tranquilidade. Logo após, fui selecionada para o Projeto de Educação Tutorial (PET) também coordenado pela professora Eliete, no qual atuei como bolsista. Minha atuação principal foi na ciranda e com as mães, buscando sempre acolher e visibilizar suas dificuldades, além de recrutar voluntários para garantir o bom funcionamento do projeto.

Também atuei como monitora no ingresso ao vestibular da turma 19 e 20 Lélia Gonzalez, ajudando estudantes com dificuldades de conexão nas comunidades. Participar dessa experiência foi muito gratificante, pois pude contribuir para a inclusão de novos alunos na universidade. Além disso, participei ativamente da Semana Universitária, incentivando mais estudantes a conhecerem os projetos de extensão e estimulando o interesse por essas

iniciativas. A Semana Universitária é uma experiência única de troca com estudantes de diversos cursos e também com os egressos.

Na minha comunidade, localizada no município de Flores de Goiás, costumava ajudar minha família nas plantações de maracujá e pimenta. Juntos, cuidávamos das plantações, realizávamos a polinização, a colheita e a podagem das plantas. Lembro que, no início, antes de conseguirmos o sistema de irrigação, usávamos regadores para molhar as plantas. Para complementar a renda, vendíamos as polpas do maracujá em cidades vizinhas, e meu pai cuidava da parte das vendas. Muitos jovens da comunidade buscam alternativas de sustento, mas, infelizmente, muitas tentativas são frustradas. Trabalhei como faxineira durante um período e, aos 12 anos, aprendi a pilotar uma moto para conseguir me deslocar até o local de trabalho. Embora fosse arriscado e perigoso, foi uma habilidade necessária que acabei gostando.

Outro desafio que enfrentamos na comunidade são as queimadas. Durante o período da seca, o fogo pode surgir a qualquer momento, seja de queimadas ilegais ou até mesmo por cacos de vidro jogados no pasto. Isso exige constante vigilância para evitar que o fogo se alastre para dentro das casas e para proteger os animais nos pastos.

Na comunidade, temos a tradicional festa de Nossa Senhora Aparecida, organizada pela igreja católica. Durante o dia, há diversas atividades, como torneios de futebol com times de comunidades vizinhas, torneios de truco e bingos. A festa é finalizada com música e dança. Minha mãe participava da organização, mas com o tempo foi se afastando e passou a doar salgados caseiros para a comercialização, com o dinheiro arrecadado sendo destinado à construção da igreja católica.

Apesar de ter migrado para Planaltina, DF, nunca me afastei das minhas raízes. A Licenciatura em Educação do Campo me proporcionou uma nova visão sobre minha origem e me fez compreender melhor o campo e o impacto que ele tem na minha vida. Sinto que, embora tenha me mudado para a zona urbana, a vida camponesa ainda é meu refúgio e onde encontro minha paz.

Em 2023, durante uma aula optativa com o professor Felipe Canova, fiz o convite para que ele fosse meu orientador de Trabalho de Conclusão de Curso

(TCC). A razão pela qual o escolhi foi minha grande identificação com as suas aulas, especialmente sobre arte e fotografia. Ele aceitou o convite e tem sido um orientador excepcional, sempre compreensivo e paciente, buscando entender minhas dificuldades e me orientando com muito cuidado.

3 Revisão de literatura

A presente revisão de literatura busca discutir identidade, estética negra, cabelo afro e tranças afro como elementos centrais para compreender as experiências das mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB). Parte-se da compreensão de que a identidade não é algo fixo ou natural, mas construída historicamente nas relações sociais, culturais e políticas. Nesse sentido, o reconhecimento das mulheres negras em espaços acadêmicos envolve disputas simbólicas relacionadas à raça, gênero e pertencimento (Gomes, 2002).

Historicamente, o corpo da mulher negra foi marcado por processos de inferiorização produzidos pelo racismo estrutural. Entre esses marcadores, o cabelo ocupa lugar central, pois durante séculos características como volume, curvatura e textura foram desvalorizadas em favor de padrões eurocêntricos de beleza. Essa lógica contribuiu para a naturalização da ideia de que o cabelo liso seria mais bonito, aceitável e profissional, enquanto o cabelo crespo era associado à desordem e ao descuido (hooks, 2014).

No Brasil, esses padrões estão diretamente ligados ao legado colonial e à construção da branquitude como referência estética e social. Cida Bento afirma que a branquitude opera como um pacto silencioso de privilégios, definindo quem ocupa lugares de reconhecimento e poder. Dessa forma, a desvalorização dos traços negros, inclusive do cabelo afro, não se restringe à aparência, mas expressa relações históricas de desigualdade racial (Bento, 2022).

Nilma Lino Gomes destaca que o corpo negro e o cabelo crespo estão presentes de maneira significativa nas trajetórias escolares de estudantes negros, sendo frequentemente alvos de preconceitos e estereótipos. Ao mesmo tempo, esses elementos podem ser ressignificados como símbolos de orgulho, resistência e autoafirmação. Assim, assumir o cabelo natural ou utilizar tranças afro representa, para muitas mulheres, um movimento de valorização da identidade negra (Gomes, 2002).

Nesse contexto, as tranças afro ultrapassam a dimensão estética e assumem um caráter histórico, cultural e político. Elas dialogam com ancestralidade, memória e pertencimento, sendo práticas transmitidas entre gerações de mulheres negras. Mais do que um penteado, constituem uma forma de expressão da identidade e fortalecem os vínculos com as raízes africanas e afro-brasileiras (Moura, 2013).

bell hooks afirma que a valorização da estética negra também está relacionada aos processos de enfrentamento do racismo e de fortalecimento da autoestima. Em uma sociedade que historicamente impôs padrões únicos de beleza, o uso de tranças afro, cabelos naturais e outros estilos afro representa uma forma de resistência e autonomia. Trata-se de uma escolha que rompe com padrões excludentes e amplia as possibilidades de representação da beleza negra em diferentes espaços sociais (hooks, 2014).

A universidade, embora seja um espaço de produção de conhecimento, também reproduz desigualdades presentes na sociedade. Mulheres negras, ao ingressarem no ensino superior, enfrentam desafios relacionados ao racismo, ao sexismo e à invisibilização de suas trajetórias. Discutir identidade negra no ambiente acadêmico significa refletir sobre permanência, reconhecimento e valorização das experiências dessas mulheres dentro das instituições de ensino (Cotrim, 2021).

Paulo Freire (1996) compreende a educação como prática de liberdade e construção da consciência crítica. A partir dessa perspectiva, reconhecer as vivências das mulheres negras no espaço universitário significa valorizar os saberes construídos em suas trajetórias e criar condições para que essas estudantes sejam protagonistas de suas próprias histórias. A educação, nesse sentido, contribui para a autonomia, a dignidade e a transformação social.

Dessa forma, compreender a importância das tranças afro na construção da identidade das mulheres negras universitárias significa reconhecer que estética, cultura e educação estão profundamente articuladas. Mais do que um elemento estético, as tranças afro representam ancestralidade, resistência, pertencimento e afirmação identitária, fortalecendo o reconhecimento da cultura

afro-brasileira e ampliando a valorização das experiências das mulheres negras na universidade.

Como contribuição final desta revisão de literatura, destaca-se a dissertação de Layla Maryzandra Costa Silva, intitulada “Cartografia das Tranças: Histórias, Ofícios e Territórios no Distrito Federal” (Silva, 2025), mencionada na banca de qualificação deste trabalho. A pesquisa de Silva (2025) ressalta a prática de trançar cabelos afro como patrimônio cultural imaterial, articulando conceitos como memória, territorialidade e reparação histórica.

Para a autora, existe um ambiente emocional em torno da prática de trançar os cabelos pelas mulheres negras, que “conecta as tranças às memórias familiares e comunitárias, transformando-as em símbolos identitários. É esse ambiente emocional que permite a permanência da prática, mesmo diante de deslocamentos forçados” (Silva, 2025, p. 71). Nesta pesquisa, o ambiente emocional e afetivo, de reconhecimento mútuo e identidade comum criado pelas mulheres negras da LEdoC/UnB, constitui-se em um elemento-chave para compreendermos a importância das tranças afro no curso, como será apresentado no próximo capítulo.

4 Contexto da Pesquisa

A Educação do Campo é uma concepção pedagógica que vai além da simples oferta de ensino em áreas rurais. Ela representa uma proposta de educação comprometida com as realidades, culturas, saberes e modos de vida das populações do campo, respeitando suas especificidades e promovendo o desenvolvimento social, político e cultural dessas comunidades. Trata-se de uma educação que não busca apenas incluir os sujeitos do campo no sistema escolar, mas também valorizar suas identidades e fortalecer sua capacidade de agir criticamente sobre o mundo.

Segundo Paulo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade e conscientização, uma prática voltada para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade crítica dos sujeitos. Nesse sentido, a Educação do Campo aproxima-se do pensamento freireano ao propor uma pedagogia que parte da realidade concreta dos sujeitos do campo, promovendo a reflexão crítica sobre suas condições de vida e a busca pela transformação social. Freire defendia que o processo educativo precisa estar profundamente conectado às vivências e à cultura dos educandos, princípio que fundamenta a Educação do Campo.

Para Caldart (2012), a Educação do Campo é, antes de tudo, um projeto político-pedagógico que surge das lutas sociais e dos movimentos do campo. A autora destaca que essa proposta não se limita ao espaço físico da escola rural, mas dialoga com o território, a cultura e a organização social das comunidades. Dessa forma, constitui-se como um direito dos povos do campo e uma importante ferramenta para o fortalecimento da cidadania e da autonomia dessas populações. Caldart (2012) também enfatiza que a Educação do Campo representa um espaço de resistência e de construção de novos sentidos para o ato de educar, contrapondo-se ao modelo tradicional que historicamente marginalizou os sujeitos do campo. Nesse contexto, a escola deve ser um espaço de valorização dos saberes populares e de construção coletiva do conhecimento.

Portanto, a Educação do Campo é muito mais do que um modelo educacional voltado para áreas rurais. Trata-se de um processo político, cultural

e pedagógico comprometido com a garantia do direito à educação de qualidade, respeitando as especificidades do campo e promovendo o protagonismo dos sujeitos que nele vivem.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB), ofertada pela Faculdade UnB Planaltina (FUP), é um curso voltado para a formação de professores que irão atuar nas escolas do campo. O curso foi criado para atender às necessidades dos povos do campo, valorizando seus saberes, suas culturas e suas formas de organização. Ao longo da formação, busca promover uma educação comprometida com a realidade dos estudantes, aproximando os conhecimentos desenvolvidos na universidade das experiências vividas em seus territórios.

Além da formação para a docência, a LEdoC incentiva reflexões sobre temas como identidade, cultura, diversidade, território e justiça social. Entre os componentes curriculares do curso, destaca-se o componente Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular (CEBEP), ministrado ao longo de vários semestres pelas professoras Joelma Rodrigues e Juliana Rochet, que promove debates sobre racismo, relações étnico-raciais, desigualdade social, gênero e educação popular. Essas discussões contribuem para que os estudantes compreendam melhor a realidade brasileira e reflitam sobre os desafios enfrentados pelos diferentes grupos sociais.

No contexto desta pesquisa, o CEBEP também contribui para fortalecer as reflexões sobre identidade, pertencimento e ancestralidade. Durante o curso, muitas estudantes negras encontram um espaço de diálogo, troca de experiências e valorização de suas histórias. Esse ambiente favorece o fortalecimento da autoestima e da identidade, permitindo que práticas como o uso das tranças afro sejam reconhecidas não apenas como uma questão estética, mas também como expressão de cultura, memória, resistência e pertencimento.

O trabalho da área de Linguagens na LEdoC UnB

O trabalho da área de Linguagens na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é desenvolvido de forma integrada, valorizando a interdisciplinaridade e o diálogo entre diferentes saberes, com atenção especial às artes como elemento fundamental da formação dos licenciandos. Nessa perspectiva, as artes ultrapassam a dimensão estética e constituem uma linguagem capaz de expressar identidades, valorizar as culturas do campo e estimular reflexões críticas sobre a realidade.

As linguagens artísticas articulam-se com a oralidade, a escrita, a música, o teatro, as artes visuais e a literatura, promovendo uma formação comprometida com as realidades dos povos do campo. Essa proposta busca preparar futuros educadores capazes de desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e fortaleçam o protagonismo dos sujeitos do campo.

Conforme Gonçalves (2019), o campo estético na formação dos educadores da LEdoC amplia as possibilidades de leitura crítica da realidade, reconhecendo a arte como instrumento de resistência, expressão cultural e transformação social. Nesse sentido, a valorização das diferentes linguagens contribui para uma educação crítica, democrática e comprometida com as especificidades dos territórios do campo.

Além disso, a área de Linguagens da LEdoC favorece o reconhecimento das diferentes formas de expressão presentes nas comunidades do campo, promovendo práticas educativas que articulam arte, cultura e identidade. Essa perspectiva contribui para que os futuros educadores desenvolvam uma atuação comprometida com a valorização dos saberes populares e com a construção de uma educação inclusiva, crítica e socialmente referenciada.

As mulheres negras na LEdoC

A escolha das participantes desta pesquisa está relacionada à presença significativa de mulheres negras na Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB). Essas estudantes trazem consigo diferentes histórias, saberes e experiências que dialogam com as discussões

sobre identidade, ancestralidade, cultura e pertencimento desenvolvidas ao longo do curso.

Além das experiências apresentadas pelas participantes, uma questão importante foi levantada durante a banca de defesa desta pesquisa, relacionada à presença e à visibilidade das mulheres negras na LEdoC e à valorização da estética negra nesse espaço. Essa reflexão contribui para pensar de que maneira as discussões sobre a estética negra, incluindo o uso das tranças afro, podem estar relacionadas ao fortalecimento da identidade e da representatividade das mulheres negras no ambiente universitário. Entretanto, essa questão é apresentada aqui como uma reflexão suscitada durante a banca, e não como um relato das entrevistadas.

Nesse sentido, pensar a estética negra no contexto da LEdoC permite ampliar a discussão sobre identidade, representatividade e pertencimento. As tranças afro podem ser compreendidas como parte desse processo de afirmação da identidade negra, ao mesmo tempo em que expressam elementos culturais e ancestrais. Assim, a discussão também possibilita refletir sobre a Educação do Campo como um espaço de valorização da diversidade e de reconhecimento das diferentes identidades presentes na universidade.

Participantes da pesquisa

As participantes desta pesquisa foram Ana Karine Soares Jordão, Tatiane Borges da Costa e Letícia Marta de Oliveira Edwards, estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB), que participaram voluntariamente da pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas. A escolha das participantes ocorreu em razão de suas vivências relacionadas à cultura das tranças afro, contribuindo para a compreensão dessa prática como expressão de identidade, ancestralidade, memória e resistência. Nesse sentido, a discussão sobre o cabelo e a estética negra permite compreender como os padrões de beleza podem interferir na forma como mulheres negras percebem e vivenciam seus próprios cabelos. Walker (1988), ao discutir a relação entre cabelo, opressão e identidade, contribui para essa reflexão ao evidenciar que o cabelo não deve ser

compreendido apenas como uma característica estética, mas também como elemento relacionado às experiências sociais e culturais.

As entrevistas foram realizadas individualmente, utilizando um roteiro semiestruturado composto pelas seguintes questões:

- Fale sobre a cultura das tranças afro na sua comunidade. Você tem lembranças de trançar o cabelo na infância ou de ver mulheres adultas com o cabelo trançado? Pode compartilhar essas memórias?

- Qual a importância das tranças afro para sua identidade como mulher negra?

- Qual o significado de encontrar ou reencontrar a prática das tranças afro na LEdoC?

- Há algo mais que você gostaria de falar sobre esse tema?

As narrativas das participantes possibilitaram compreender como a cultura das tranças afro está presente em suas histórias de vida e contribui para a construção da identidade, o fortalecimento do pertencimento, da ancestralidade e da valorização da cultura negra. A partir dos relatos de Ana Karine Soares Jordão, Tatiane Borges da Costa e Letícia Marta de Oliveira Edwards, foi possível desenvolver as análises apresentadas neste trabalho, estabelecendo relações entre as experiências das participantes, a construção da identidade e os processos educativos vivenciados na Educação do Campo.

Entrevista com Ana Karine Soares Jordão

O que eu lembro da minha infância é usar tranças para ir à escola. Minha mãe fazia muitas tranças em mim e na minha irmã. Eram tranças feitas sem nenhum tipo de aplique, era só a trança mesmo para deixar o cabelo comportado. Até então, na escola não era permitido ir com o cabelo solto e, como a gente tinha bastante cabelo, essa foi uma das opções que minha mãe encontrou para controlar o volume. Era uma forma de dominar os nossos cabelos. Na minha comunidade, eu lembro de ver outras pessoas usando tranças e achava muito bonito. Eu, particularmente, não achava bonito em mim enquanto criança.

Hoje, depois de adulta e utilizando tranças nagô e *box braids*[2], eu acho que elas são fundamentais para a minha identificação como mulher negra. Hoje eu entendo que não servem apenas para prender o cabelo, mas também pela praticidade que trazem para o meu dia a dia, facilitando os cuidados com o meu cabelo natural. Na LEdoC eu tive uma presença muito mais forte das tranças devido às minhas colegas usarem e fazerem tranças. Foi no período em que estive na LEdoC que mais utilizei tranças em toda a minha vida. Pela minha dupla jornada de trabalho e estudo, essa foi uma opção que facilitava os cuidados com o meu cabelo. Como eu acordava muito cedo, isso ajudava bastante na minha rotina. Além disso, olhar e ver outras mulheres usando tranças e diferentes estilos de cabelo me inspirou a usar mais tranças também. Isso me ajudou a me identificar como mulher negra dentro da convivência com outras mulheres negras e fortaleceu a minha autoestima e a minha imagem como mulher negra.

Hoje em dia, eu acho que a gente tem essa facilidade de optar por colocar ou não uma extensão no nosso cabelo, que são as tranças. E não só usá-las como um facilitador para o nosso dia a dia, mas também como uma forma de

[2] "As tranças box braids surgiram há mais de 3 mil anos na África, com os primeiros registros surgindo nas tribos africanas. No entanto, o termo "box" não surgiu na África, mas sim nos Estados Unidos. Ele se refere ao formato característico das tranças, que são divididas em quadrados ou retângulos. Essas tranças são feitas a partir da raiz do cabelo, com mechas de cabelo sintético entrelaçadas ao cabelo natural". Disponível em: <https://stealthelook.com.br/trancas-box-braids/>. Acesso em 11 de julho de 2026.

trazer as nossas origens. Minhas avós usavam tranças, minhas bisavós também usavam. Quando chegou a minha vez de usar, eu estranhei, porque também queria poder usar o meu cabelo solto. Só que, na escola, isso não era permitido porque havia muitos surtos de piolho entre as crianças. Então, essa foi a forma que a minha mãe encontrou para controlar os nossos cabelos por meio das tranças.

Hoje eu vejo isso como algo libertador para mim, porque posso mudar o meu cabelo quando eu quiser. Posso usar ele cacheado, posso usar tranças ou posso alisar. Hoje eu posso usar vários estilos de cabelo e não me sinto presa nem tentando agradar ninguém. É uma escolha feita para o meu próprio agrado.



Figura 1: montagem de fotos da entrevistada Ana Karine Soares Jordão. Fonte: fotos disponibilizadas pela entrevistada.

Entrevista com Tatiane Borges da Costa

As tranças sempre fizeram parte da minha vida, tanto no ambiente familiar quanto na comunidade. Elas são um símbolo de resistência no meu território e possuem uma grande simbologia, pois foram ferramentas utilizadas como caminhos de fuga durante a escravidão e também para o armazenamento de sementes, garantindo a subsistência nos quilombos presentes no território. É por meio dessas práticas que possuímos um grande patrimônio genético alimentar.

Apesar de ter tido uma infância dividida entre o meu território e o Distrito Federal, as tranças sempre estiveram presentes no meu lar. Tanto eu quanto minhas irmãs sempre as utilizamos, porque representam a nossa identidade. É algo que sempre fez parte do nosso convívio e do Quilombo. Sempre nos inspiramos nas mulheres e nas crianças que faziam uso das tranças.

Eu, como mulher negra e quilombola, sempre enxerguei as tranças como parte da minha identidade. Pelo fato de sempre utilizá-las, em alguns momentos e lugares fui questionada pelo seu uso. Mas eu sempre tive autonomia para responder e explicar que elas representam a minha identidade e a minha história. E vai muito além do trançado, pois eleva a autoestima e torna a rotina mais prática. O cabelo crespo requer um pouco mais de cuidados diários, e o desembaraço, infelizmente, gera dor. Eu possuo sensibilidade na cabeça e, nos períodos em que estou sem tranças, isso se torna torturante e angustiante. Eu costumo falar que trança é vida, porque realmente é. Em alguns períodos já utilizei o cabelo alisado, mas, além de danificar a saúde dos fios, por serem finos, a química os enfraquece. Eu amo utilizar tranças e, conforme vão surgindo novos modelos, eu vou acompanhando. Me sentir bem, bonita, estilosa e empoderada é muito bom, e, a cada manutenção, me sinto linda.

Reencontrar as tranças na LEdoC faz com que eu me sinta no meu território. Apesar de ter muitas pessoas com quem possuo vínculo, o fato de ver as(os) estudantes usando tranças gera inspiração e torna o processo dos estudos muito mais leve, porque me sinto como se estivesse no território. Poder contemplar a nossa presença nesse espaço, dentro de uma Universidade Federal, é gratificante. Saber que podemos ser quem realmente somos, sem a

necessidade de nos enquadrar no padrão estipulado pela sociedade, gera uma sensação muito boa. Vemos que estamos avançando e vencendo ao partilharmos das nossas histórias e práticas, que evidenciam o nosso pertencimento.



Figura 2: montagem de fotos da entrevistada Tatiane Borges da Costa. Fonte: fotos disponibilizadas pela entrevistada.

Entrevista com Letícia Marta de Oliveira Edwards

O que eu lembro da minha infância é que minha mãe costumava fazer tranças no meu cabelo porque acreditava que era mais fácil cuidar delas do que lidar com o volume do meu cabelo. Com o passar do tempo, ela passou a alisar meu cabelo porque precisava trabalhar e muitas vezes não tinha tempo para fazer as tranças.

Hoje, as tranças têm uma grande importância para a minha identidade como mulher negra. Eu vejo as tranças como uma forma de renovar minha autoestima. Gosto de variar os estilos de cabelo, e as tranças me proporcionam essa possibilidade. Amo meu cabelo crespo/cacheado, mas também amo usar tranças, porque elas me fazem sentir bonita e fortalecem minha identidade.

Encontrar essa prática na LEdoC foi uma experiência que eu nunca tinha vivido antes. Morei em um lugar onde havia muitas pessoas negras, mas praticamente todas alisavam o cabelo. Também estudei em escolas públicas onde a maioria das meninas negras alisava os cabelos para se sentir pertencente a um ambiente em que predominavam meninas brancas de cabelo liso. Quando cheguei à LEdoC e encontrei mulheres negras usando tranças e assumindo seus cabelos como símbolo de força e resistência, fiquei encantada. Essa convivência despertou em mim uma vontade ainda maior de deixar meu cabelo crescer e parar de raspá-lo.

Para mim, as tranças também representam uma forma de representação. Durante muito tempo fomos acostumadas a ouvir que nosso cabelo crespo ou cacheado era feio e precisava ser mudado. Hoje penso diferente. As tranças mostram que podemos valorizar nossa identidade e nossa beleza sem abrir mão de quem somos. Elas representam força, resistência e mostram que a nossa coroa faz parte da nossa história e da nossa identidade como mulheres negras.

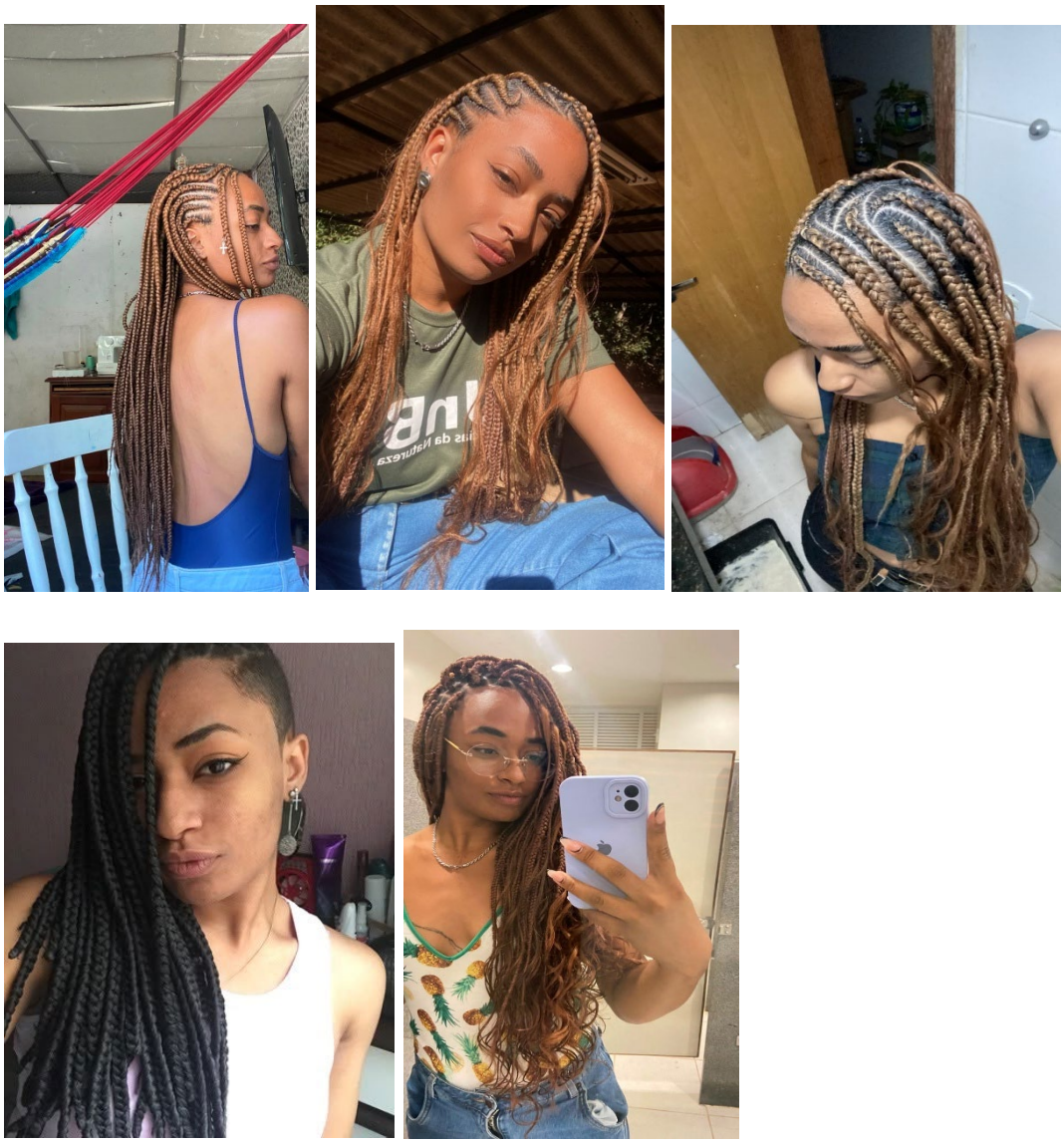


Figura 3: montagem de fotos da entrevistada Letícia Marta de Oliveira Edwards.
Fonte: fotos disponibilizadas pela entrevistada.

5 Análise dos dados

Neste Trabalho de Conclusão de Curso foram realizadas entrevistas semiestruturadas com Ana Karine Soares Jordão, Tatiane Borges da Costa e Letícia Marta de Oliveira Edwards, estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB), com o objetivo de compreender como as tranças afro contribuem para a construção da identidade das mulheres negras no ambiente universitário. A partir das narrativas das participantes, percebe-se que as tranças afro ultrapassam a dimensão estética, assumindo diferentes significados em suas trajetórias pessoais e acadêmicas. Os relatos evidenciam relações entre o uso das tranças afro e a construção da identidade negra, a ancestralidade, a autoestima, o pertencimento e a resistência cultural. Nesse sentido, as tranças afro podem ser compreendidas como uma prática que possibilita às mulheres negras expressarem e reafirmarem aspectos de suas identidades, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos com elementos culturais e históricos da população negra. No contexto universitário, esses significados ganham novas dimensões, uma vez que a convivência com outras mulheres negras e o contato com diferentes experiências contribuem para ampliar as reflexões sobre identidade, raça e cultura. Assim, a análise das entrevistas permite compreender que as tranças afro não representam apenas uma escolha relacionada à aparência, mas também podem constituir uma forma de reconhecimento, valorização e afirmação da identidade negra.

De forma geral, observa-se que as três participantes possuem vivências distintas, mas que se aproximam quando o assunto é identidade negra e valorização da cultura afro-brasileira. As entrevistas mostram que o uso das tranças afro esteve presente desde a infância e adquiriu diferentes significados ao longo da vida, sendo ressignificado principalmente no ambiente universitário da LEdoC/UnB, onde as estudantes passaram a conviver com outras mulheres negras e a participar de debates sobre identidade, raça e cultura.

Ao analisar a entrevista de Ana Karine Soares Jordão, percebe-se que o uso das tranças afro, na infância, estava muito mais ligado à prática cotidiana e à necessidade de organização do cabelo do que a uma afirmação de identidade. A participante relata que sua mãe fazia tranças afro nela e na irmã como forma de facilitar o cuidado com o cabelo e mantê-lo organizado para ir à escola. Nesse

momento da vida, o uso das tranças afro estava relacionado principalmente ao cuidado diário.

Ao longo de sua trajetória, especialmente durante sua vivência na LEdoC/UnB, Ana Karine passou a atribuir novos significados às tranças afro e ao próprio cabelo. A convivência com outras mulheres negras dentro da universidade contribuiu para fortalecer sua autoestima e sua identidade, transformando a forma como passou a enxergar sua estética e sua ancestralidade.

A participante destaca que o uso das tranças afro passou a representar liberdade e autonomia sobre o próprio corpo. Além disso, ressalta a praticidade das tranças afro em sua rotina de estudos e trabalho, demonstrando que essa prática reúne significados ligados ao autocuidado, à identidade e à valorização da cultura negra.

Na entrevista de Tatiane Borges da Costa, percebe-se uma relação ainda mais intensa entre as tranças afro, a ancestralidade e a identidade quilombola. A participante afirma que as tranças afro sempre fizeram parte de sua vida e de sua comunidade, constituindo um importante símbolo de pertencimento. Em seu relato, as tranças afro aparecem associadas à memória coletiva, à resistência do povo negro e à preservação das tradições culturais.

Tatiane também destaca que sempre utilizou tranças afro e que essa prática faz parte de sua identidade como mulher negra e quilombola. Mesmo diante de questionamentos e preconceitos, manteve sua escolha, evidenciando um posicionamento de resistência e afirmação identitária.

Outro aspecto presente em sua narrativa é a praticidade proporcionada pelas tranças afro no cuidado com o cabelo crespo, mostrando que essa prática reúne dimensões culturais, identitárias e também relacionadas ao bem-estar.

Na entrevista de Letícia Marta de Oliveira Edwards, observa-se um percurso semelhante ao das demais participantes, especialmente no processo de fortalecimento da autoestima e da identidade negra. Durante a infância, sua mãe realizava tranças afro em seu cabelo por serem mais práticas para os cuidados diários. Posteriormente, em razão da rotina familiar, seu cabelo passou

a ser alisado. Atualmente, Letícia atribui às tranças afro um significado diferente daquele vivido na infância. Para ela, representam autoestima, liberdade, valorização da identidade negra e reconhecimento de suas raízes. O reencontro com essa prática ocorreu principalmente durante sua trajetória na LEdoC/UnB, onde a convivência com outras mulheres negras fortaleceu seu processo de autoaceitação.

Ao comparar as três entrevistas, observa-se que todas atribuem às tranças afro significados relacionados à identidade, à ancestralidade, ao pertencimento e à resistência. Entretanto, cada participante construiu essa relação a partir de experiências particulares.

Outro aspecto comum às três narrativas é a importância da universidade como espaço de fortalecimento da identidade negra. A convivência com outras mulheres negras, o compartilhamento de experiências e os debates promovidos durante a formação contribuíram para a valorização das tranças afro e da cultura afro-brasileira.

Nesse contexto, a LEdoC/UnB desempenha papel relevante ao promover uma formação comprometida com a valorização dos saberes populares, da diversidade cultural e das identidades historicamente marginalizadas. Os dados analisados demonstram que as tranças afro constituem um importante elemento na construção da identidade das mulheres negras participantes desta pesquisa. Mais do que um penteado, representam memória, ancestralidade, autoestima, pertencimento, resistência e valorização da cultura negra, fortalecendo o reconhecimento dessas mulheres dentro e fora do ambiente universitário.

6 Considerações finais

Ao longo desta pesquisa foi possível compreender que as tranças afro possuem um significado muito maior do que apenas um penteado. Elas representam história, ancestralidade, resistência e identidade para muitas pessoas negras. Este trabalho buscou compreender como as tranças afro contribuem para a construção da identidade das mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB). A partir das leituras realizadas, das entrevistas e das análises desenvolvidas, foi possível perceber que as tranças afro fazem parte da construção da autoestima, do sentimento de pertencimento e da valorização da cultura negra dentro e fora da universidade.

As entrevistas realizadas com Ana Karine Soares Jordão, Tatiane Borges da Costa e Letícia Marta de Oliveira Edwards evidenciaram que, embora cada participante tenha vivenciado experiências distintas, todas mantêm uma forte relação com as tranças afro desde a infância. Em diferentes momentos da vida, elas estiveram presentes por praticidade, influência familiar ou por fazerem parte das tradições de suas comunidades. Com o passar do tempo, especialmente durante a vivência universitária, as tranças afro passaram a representar orgulho, liberdade, autoestima, identidade e reconhecimento das próprias origens.

Além das experiências das participantes, a pesquisa também possibilita perceber que a valorização das tranças afro e da estética negra vem ganhando espaço na própria LEdoC. Esse movimento não se restringe às mulheres, sendo possível observar também a participação de estudantes homens da LEdoC que passaram a utilizar as tranças afro e outros elementos da estética negra como formas de expressão e valorização de suas identidades. Considera-se importante reconhecer esse movimento, pois ele demonstra que a valorização da cultura negra vem ocupando diferentes espaços dentro da universidade e alcançando diferentes sujeitos. Embora esta pesquisa tenha como foco as mulheres negras, essa presença também amplia as possibilidades de reflexão sobre identidade, pertencimento e valorização da cultura negra no contexto da Educação do Campo.

As entrevistas realizadas com Ana Karine Soares Jordão, Tatiane Borges da Costa e Letícia Marta de Oliveira Edwards evidenciaram que, embora cada participante tenha vivenciado experiências distintas, todas mantêm uma forte relação com as tranças afro desde a infância. Em diferentes momentos da vida, elas estiveram presentes por praticidade, influência familiar ou por fazerem parte das tradições de suas comunidades. Com o passar do tempo, especialmente durante a vivência universitária, as tranças afro passaram a representar orgulho, liberdade, autoestima, identidade e reconhecimento das próprias origens. Também foi possível perceber que a LEdoC/UnB constitui um importante espaço de formação humana e acadêmica. A convivência entre estudantes, o compartilhamento de experiências e as discussões sobre identidade, território, cultura e diversidade fortalecem o sentimento de pertencimento e contribuem para a valorização da identidade negra.

A pesquisa evidenciou que as tranças afro assumem significados distintos para cada participante. Para Ana Karine, elas foram ressignificadas ao longo da vida; para Tatiane, representam ancestralidade, identidade quilombola e resistência; para Letícia, simbolizam autoestima, valorização do cabelo natural e superação dos padrões de beleza impostos socialmente. Apesar dessas diferenças, todas reconhecem as tranças afro como parte fundamental de suas identidades.

Os resultados também demonstram que ainda existem desafios relacionados ao racismo e aos padrões de beleza historicamente impostos às mulheres negras. Entretanto, observa-se um movimento crescente de valorização dos cabelos naturais e das tranças afro como forma de resistência, afirmação identitária e reconhecimento da ancestralidade.

O desenvolvimento desta pesquisa também contribuiu para a formação pessoal e acadêmica da autora no percurso investigativo. Ao longo de todo o processo de leitura, realização de entrevistas, escrita e análise dos dados, foi possível refletir sobre a trajetória da autora e compreender, ainda mais, a importância da valorização da identidade, da cultura e da história das mulheres negras. Esse percurso reforçou a relevância da representatividade no ambiente universitário e da valorização das experiências vividas por mulheres negras.

Espera-se que este trabalho contribua para ampliar as discussões sobre identidade, cultura afro-brasileira, estética negra e Educação do Campo, incentivando novas pesquisas que aprofundem o debate sobre as experiências das mulheres negras nas universidades e sobre os processos de construção de pertencimento e valorização cultural. Cabe ressaltar que um desdobramento desta pesquisa é sua articulação com um ensaio fotográfico, uma das ideias iniciais da pesquisa e que neste momento não foi possível realizar, uma vez que a fotografia tem amplo potencial no diálogo com identidade e estética negra associado às tranças afro.

Por fim, conclui-se que as tranças afro representam muito mais do que um elemento estético. Elas carregam histórias, memórias, ancestralidade, afetos, resistência e identidade. Mais do que um penteado, constituem uma forma de afirmação cultural e de fortalecimento das mulheres negras, reafirmando suas trajetórias, seus saberes e sua presença na universidade e na sociedade.

Referências bibliográficas

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Pp. 257-265.

COTRIM, Vera. (2021). Passos da luta pela emancipação feminina: a radicalidade como legado. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 28, n. 55, p. 215–237, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/21653. Acesso em: 12/09/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 21, p. 40-51, dez. 2002. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141347820020003000004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 fev. 2025.

GONÇALVES, Felipe Canova. **Linguagem audiovisual e Educação do Campo**: práxis e consciência política em percursos audiovisuais. 2019. 290 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo.** 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/ Acesso em: 19/01/2025

MOURA, Tainá N. da Silva**. Gênero e relações étnico-raciais no mercado de trabalho:** a aparência da mulher negra na organização. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Organizacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Jurema José de. ANCESTRALIDADE E AFRO-BRASILIDADE. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 1, p. 108–124,

2023. DOI: 10.18224/mos.v16i1.9213. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/9213. Acesso em: 11 jul. 2026.

SILVA, Layla Maryzandra Costa. **Cartografia das tranças**: histórias, ofícios e territórios no Distrito Federal. 2025. 276 f., il. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Departamento de Antropologia, Faculdade de Educação, Faculdade UnB Planaltina, Instituto de Ciências Sociais, 2025.

WALKER, Alice. Cabelo oprimido é um teto para o cérebro. In: WALKER, Alice. Vivendo pela palavra. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 77-81.

Apêndice

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O(a)entrevistado(a) _____é participante convidado(a) da pesquisa intitulada "AS TRANÇAS AFRO NA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA LEdoC-UnB", sob a responsabilidade da pesquisadora Amanda Araújo da Mata, estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB Planaltina (FUP), da Universidade de Brasília (UnB).

A presente pesquisa integra o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pesquisadora e tem como objetivo compreender de que forma as tranças afro e a fotografia contribuem para a construção, valorização e afirmação da identidade das mulheres negras estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/UnB). Busca-se compreender os significados atribuídos às tranças, sua relação com a ancestralidade, a autoestima, o pertencimento, a resistência e a valorização da identidade étnico-racial, bem como o papel da fotografia na visibilidade e representação dessas mulheres no ambiente universitário. Solicito, respeitosamente, sua colaboração nesta pesquisa. Caso autorize sua participação e a divulgação de seu nome na monografia, solicita-se a assinatura deste documento. Caso não autorize a identificação, sua identidade será preservada e seu nome não será mencionado em nenhuma publicação decorrente da pesquisa.

Sua participação é voluntária, não havendo qualquer tipo de remuneração ou benefício financeiro. Você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. A pesquisa consiste na realização de entrevista semiestruturada e registros fotográficos, utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Não há previsão de riscos significativos à integridade física ou moral dos(as) participantes. Ainda assim, serão assegurados o respeito, a privacidade, a

confidencialidade das informações fornecidas e o uso ético dos dados obtidos durante a pesquisa.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é disponibilizado em duas vias de igual teor, sendo uma destinada ao(à) participante e outra à pesquisadora responsável.

Consentimento para participação na pesquisa

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa como entrevistado(a). Declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Amanda Araújo da Mata sobre os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios da pesquisa, bem como sobre o meu direito de retirar este consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Assinatura da Pesquisadora

Planaltina-DF, _____ de _____ de 2026.